

# O EVANGELHO SEGUNDO A ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA: A REIVINDICAÇÃO ICONOGRÁFICA DE JESUS NUMA CRISTOLOGIA CARNAVALESCA\*



Joilson de Souza Toledo\*\*, Igor Adolfo Assaf Mendes\*\*\*, Vinicius Borges Gomes\*\*\*\*

**Resumo:** *o texto de caráter ensaístico busca aproximar aspectos do samba-enredo da Mangueira no Carnaval de 2020, “A verdade vos fará livre”, de uma cristologia, elevando assim a obra a uma espécie de Evangelho do Brasil contemporâneo. Busca aproximar a história do samba à história do cristianismo, propondo uma cristologia carnavalesca. Inicia apresentando o samba como herança negra e o lugar as Escolas de Samba na construção de identidades. Contextualiza o GRES Estação Primeira de Mangueira e o carnavalesco Leandro Vieira. Enuncia traços e implicações da cristologia presente no enredo destacando a contestação política e a identificação com as pessoas do Morro da Mangueira. Por final, apresenta considerações para o campo das ciências da religião.*

**Palavras-chave:** Samba. Jesus. Imagem. Mangueira.

\* Recebido em: 28.01.2022. Aceito em: 08.04.2022.

\*\* Doutorando em Teologia pela PUC Rio. Mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Bíblia, Religião e Sociedade. *E-mail:* mistagogo@yahoo.com.br

\*\*\* Doutor em Educação pela UFMG. Mestre em Sociologia pela UFMG. *E-mail:* assaf.igor@gmail.com

\*\*\*\* Professor na Universidade Federal de São João del-Rei. Membro do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Teologia da PUC Minas (NECT). Doutor em Comunicação pela Universidade Paulista. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* vini Borges@ufsj.edu.br

**A** Estação Primeira de Mangueira<sup>1</sup> divulgou, em 2019, o seu enredo para o carnaval 2020, intitulado: “A Verdade vos fará livre”. O texto, de autoria do carnavalesco Leandro Vieira, apresenta uma proposta biográfica de Jesus de Nazaré, a partir de uma releitura atual, imaginando como seria a presença dessa figura histórica num contexto social próprio de onde está presente a escola de samba: a favela – especificamente, o Morro da Mangueira. Tudo isso se dá numa reivindicação iconográfica diferente daquela apresentada hegemonicamente: o Jesus de Mangueira é negro, índio e mulher.

Este artigo, portanto, debruça um olhar sobre o texto mestre dessa manifestação – a sinopse –, além de analisar o produto musical da mesma: o samba-enredo. Aproveita, ainda, a textualidade da justificativa do enredo, que foi apresentada ao corpo de jurados do desfile de 2020<sup>2</sup>. Para isso, é necessário fazer uma breve retrospectiva a respeito das origens da manifestação cultural das escolas de samba, abordando sua trajetória histórica de cultura de gueto à sua universalização como uma das mais reconhecidas manifestações culturais brasileiras e sua importância no imaginário coletivo nacional.

O artigo situa-se nos estudos das ciências da religião promovendo um diálogo interdisciplinar. A perspectiva analítica é embasada por perspectivas sociológicas. Enseja contribuir nas investigações sobre a interface entre samba e religião, bem como suas implicações na construção e/ou contestação de narrativas e imagens que povoam o imaginário das populações periféricas.

### O SAMBA COMO HERANÇA NEGRA

Os registros históricos de “samba” apontam que a palavra era usada para designar diferentes tipos de manifestações musicais introduzidas por pessoas humanas de origem africana que foram escravizados e que tinham o “batuque” como principal forma de condução musical. Segundo Amaral (2010), a musicalidade e as danças constituem parte principal do arcabouço cultural herdado das nações africanas, sobretudo os iorubas (África Ocidental) e os bantos.

Essas manifestações eram conhecidas por serem momentos de coletividade, rodas em que as pessoas interagem a partir do canto e da dança. Essas expressões evocam a dramaticidade herdada das expressões africanas, em que a musicalidade

---

1 Escola de Samba carioca nascida em 1928, no Morro da Mangueira, é uma das mais antigas e tradicionais do Rio de Janeiro. Tendo o protagonismo negro como principal vertente criadora, numa época em que o samba era deslocado da oficialidade. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/historiamangueira>. Acesso em: 16 jun. 2020.

2 As escolas de samba do Rio de Janeiro competem em um concurso anual, no qual são avaliados uma série de quesitos. Os desfiles das mesmas são tidos como a grande manifestação cultural do Brasil. Julgadores avaliam as apresentações. A estes, antes do evento, é entregue um material explicativo e roteirizado, chamado de “Livro Abre-alas”. Este material é divulgado ao público após a apuração das notas. A Estação Primeira de Mangueira obteve o sexto lugar em 2020, competindo com mais 12 escolas.

de acompanhava toda a história de vida da pessoa, sendo muito presente no modo como se percebiam no mundo.

Apesar das diferentes manifestações de batuques de influência africana, foi o “samba de roda” baiano – que além dos batuques, também adotara influência musical europeia, como o uso do violão – que aportou na cidade do Rio de Janeiro, quando esta ainda era capital do país, e sofreu influência de outros estilos musicais da época, como o maxixe<sup>3</sup> (JOST, 2015; NETO, 2017).

O Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX, era uma cidade em ampla expansão demográfica. O recebimento de migrantes compostos por grupos de baixa renda, como famílias de pessoas que haviam sido escravizadas e outros membros da classe trabalhadora, acabou conformando a ocupação urbana da cidade de forma desordenada, marcando o surgimento das favelas: povoados de baixa renda, de habitações simples e muitas vezes precárias, frutos de despejos, remoções e demolições promovidas pela administração pública.

*Processos similares de remoção e demolição de uma série de habitações populares segregariam outros pobres da cidade morro acima. Além da Providência, os morros de Santo Antônio, São Carlos, Borel, Formiga, Macaco, Mangueira e Salgueiro viveriam o mesmo processo de ocupação desordenada, com a implantação de casebres sem arruamento definido, sem água, sem esgoto e sem luz (NETO, 2017, p. 30).*

É na região portuária e central da capital, onde se instalaram indivíduos migrantes do interior do país, de diferentes estados, mas principalmente da Bahia (SODRÉ, 1998), que surgiu o que ficou conhecido como Pequena África – um dos berços do samba. É icônica, segundo afirma Cabral (2011), a casa de uma baiana que marcaria a história do samba nascente: Tia Ciata. Mãe de santo, essa nordestina negra abriu seu quintal para as rodas de samba ainda marginais naquele início de século XX.

São nesses espaços da periferia carioca que os descendentes de pessoas escravizadas gestarão o que hoje chamamos de “cultura negra” brasileira, caracterizando-se em torno do candomblé, da capoeira e do samba como suas manifestações principais, que representam resistência da identidade de classe daquele povo (SODRÉ, 1998). O samba vai ganhando espaços e se espalhando pela cidade e, depois, pelo território nacional. Segundo o acervo da biblioteca nacional, há diferentes manifestações reconhecidas que variam conforme o instrumental, a temática ou a intencionalidade da produção musical: o samba-canção e o samba-enredo são exemplos dos diferentes contornos<sup>4</sup>.

---

3 Como destacam os autores NAPOLITANO e WASSERMAN (2000), há uma disputa de narrativas sobre as origens da música popular brasileira e em especial do samba. Para um panorama do debate historiográfico do tema, ver artigo citado.

4 “O samba completa 100 anos”. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2016/02/samba-completa-cem-anos>

Assim, o samba como conhecemos hoje surge nesse contexto urbano, de um povo que é ao mesmo tempo integrado e marginalizado na sociedade brasileira: integrado como classe trabalhadora, como cidadão ainda que precário; e é marginalizado por não ter reconhecida sua identidade, por ser negada sua origem. Resiste a partir da sua cultura e afirma sua identidade, criminalizadas no passado. Recordemos que o samba, assim como a capoeira, chegou a ser proibido e perseguido pelas autoridades públicas, mas hoje ambos são patrimônios culturais nacionais.

#### ESCOLAS DE SAMBA COMO IDENTIDADE DE UM POVO

Ao se popularizar na capital fluminense, o samba ganhou espaço nos blocos de carnavais, tradição já consolidada na cidade. O samba dos blocos adquire característica de marcha, levado a partir de um conjunto de instrumentos de percussão (a bateria): a ideia é a marcação que permite o movimento e acompanhamento dos passistas. Ao conquistar cada vez mais adeptos, surgem as escolas de samba em diferentes bairros/regiões da cidade, como a Estácio de Sá (herdeira da primeira escola de samba, da Deixa Falar), Mangueira, Portela, Salgueiro, entre outras, que até hoje figuram como escolas tradicionais de destaque.

Escola é local de aprendizado. E, na escola de samba, se aprende não só a levar os instrumentos, mas a história do seu povo, a formação identitária e a celebração da sua cultura. Assim, as escolas de samba tiveram papel importante na legitimação do samba na cultura nacional e no rompimento das barreiras de classe. A Escola de Samba, segundo Cavalcanti (1999, p. 83), é “produto do encontro do morro com a cidade”. Os processos dados na escola refletem os conflitos e situações vividas nas margens, mas também em diálogo com os centros.

Enquanto nas escolas tradicionais o livro é instrumento didático, que apresenta e difunde conhecimento, o samba-enredo cumpre esse papel nas escolas de samba: “deve compreender os resumos poéticos de tema histórico, folclórico, literário, biográfico ou livre que for escolhido para enredo ou assunto da apresentação da escola de samba em seu desfile”<sup>5</sup>.

A Estação Primeira de Mangueira, como uma das expressões mais reconhecidas do universo do samba brasileiro, tem uma história intimamente ligada, não só aos desfiles das escolas de samba, como também ao desenvolvimento do escopo cultural do samba.

Segundo Cavalcanti (2006) há um processo de transformação do principal elemento simbólico do desfile, o enredo, em simbolismo plástico e visual (p. 19) o que corrobora a compreensão da centralidade do samba enredo dentro da construção social, imaginária e política que se dá no que antecede o desfile. Matos (2005, p. 4) argumenta que “os sambistas projetam nas suas comunidades e, por conseguinte, nos seus lugares o prolongamento de sua própria identidade”.

Os enredos das Escolas de samba de alguma forma apresentam a perspectiva de um artista (carnavalesco) que se dá em diálogo com a comunidade da Escola, ao mesmo tempo que oferece elementos populares para a leitura da obra artística,

---

5 Idem.

o que permite assimilar a narrativa proposta de forma dialogal. Os enredos são, desta forma, narrativas coletivizadas. Pois, “ao narrar não só construímos nossas memórias e identidades, como construímos nossas relações com o outro e com o mundo” (OLIVEIRA, 2015, p. 18). Oliveira lembra que a “escolha sobre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido é de caráter político” (ibid. p. 35). Sendo assim, o samba-enredo é obra tanto artística quanto política. Ele é um elemento central para a organização da Escola e a narrativa que ela busca apresentar.

Segundo Siqueira (2019, p. 13):

*[...] o samba enredo é um dos elementos estruturantes na construção de narrativas e consolidação cultural e potência simbólica, um registro moldado pelo coletivo com elementos do passado, do presente e do futuro conferindo-lhe desse modo qualidade atemporal.*

Os referenciais sociológicos também corroboram reconhecendo a intensidade destas narrativas. Segundo Pollak (1989, p.9) “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”.

#### “MANGUEIRA TEU CENÁRIO É UMA BELEZA”: UM POUCO DA ESTAÇÃO PRIMEIRA

A Estação Primeira de Mangueira é uma das Escolas de Samba mais antigas e tradicionais do Carnaval Carioca. É a agremiação do Morro da Mangueira, uma comunidade situada na zona Norte do Rio de Janeiro. Localizada próxima dos bairros São Cristóvão, São Francisco Xavier, Maracanã e Benfica. Próxima à linha de Trem da Central do Brasil, da Linha 2 do Metrô, ao estádio de futebol do Maracanã e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O Morro da Mangueira está próximo a várias outras favelas da Zona Norte.

A data oficial de sua fundação é 28 de abril de 1928 e, junto com a Portela, é madrinha de várias outras. Também é uma das Escolas com mais campeonatos do carnaval carioca, com vinte vitórias perdendo apenas em número de títulos para a Portela. A Estação Primeira de Mangueira, como uma escola de samba tradicional, possui em sua história vários nomes sem os quais não é possível contar a tradição do carnaval carioca: Dona Zica, Dona Neuma, Cartola, Jamelão, Delegado. Além de Carlinhos de Jesus, Leci Brandão, Alcione, Bete Carvalho para mencionar apenas algumas referências.

Os olhares externos enxergam as favelas como um agrupamento único, no entanto, seus moradores a vêem como um tecido vivo, composto por várias localidades, com diferentes pertencimentos. Reconhecidos com diferentes condições socioeconômicas. Em se tratando do Morro da Mangueira: Vila Miséria,

Travessa Saião Lobato, Candelária, Pindura Saia, Buraco Quente (VIEIRA, 2020, p. 120) são subdivisões, localidades mangueirenses.

O samba carioca e o nascimento das escolas de samba estão ligados aos processos de lutas pela libertação de empobrecidos das periferias do Rio de Janeiro afetados por políticas públicas que não os reconheciam ou os instrumentalizavam. Da política escravagista, passando pela inexistência de políticas de inserção no mercado de trabalho de pessoas que haviam sido escravizadas, pela reforma da Pereira Passos<sup>6</sup> as políticas de incentivo ao trabalho de Getúlio Vargas. Também é preciso considerar que as Escolas de Samba são frutos de bricolagens entre “asfalto” e favela. Onde se dão negociações e afirmações, visibilidades e ocultamentos que desembocaram nos processos que tornaram possíveis as agremiações que temos agora.

#### ELEMENTOS NARRATIVOS DO CARNAVAL DE LEANDRO VIEIRA

Formado em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Leandro Vieira é figurinista e carnavalesco. Assumiu o carnaval da Mangueira em 2016, quando desenvolveu o enredo em homenagem à cantora brasileira Maria Bethânia, intitulado “Maria Bethânia: a menina dos olhos de Oyá”. No ano seguinte, como uma continuidade de traços de religiosidade demarcados no desfile campeão de sua estreia, Leandro apresenta “Só com ajuda do santo”, onde mergulhou na diversidade religiosa brasileira.

A linha narrativa e estética de Leandro ganha um tom mais crítico com o enredo de 2018: “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”. O enredo criticou o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que iniciara uma desidratação de apoio financeiro às escolas de samba. O fato social motivou um desfile de resgate dos antigos carnavais e da essência do sambista. A linha mais politizada explode no desfile campeão de 2019: “Histórias para ninar gente grande”. Ousado e contundente, o enredo de Mangueira se propôs a recontar a história do Brasil em forte crítica à historicidade oficial, retomando o olhar de grupos marginalizados e violentados, como índios e negros.

Essa linha narrativa ajuda a explicar o que levou o carnavalesco, enquanto artista pensante dos carnavais de Mangueira, a adotar a proposta de 2020, que é analisada neste trabalho. “A Verdade vos fará livre” mantém o tom político de 2019, além da dinâmica de recontar histórias conhecidas a partir de novos olhares não hegemônicos. Em entrevista ao programa “Papo Mangueira”<sup>7</sup>, ele afirma trabalhar com a anti-novidade. O que se propõe de um enredo para o outro são pequenas rupturas estéticas. Ao apresentar sua trajetória na Estação Primeira de Mangueira indica que seus enredos dialogam.

---

6 Iniciativa de um prefeito da capital que destruiu os cortiços do centro da cidade para a construção das grandes avenidas, que com isso expulsou para bairros e favelas mais distantes do centro.

7 Do canal oficial da escola de samba no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCUyfAr7de6BOvQLwkjWo-8A>

Dois mil e dezesseis é a minha primeira proposta para a Mangueira. Dois mil e dezessete é um aprofundamento. Vem com 2016 com uma pegada estética diferente. 2018, né ele já tem uma pequena ruptura de abordagem, mas não também na totalidade. 2018 é a base que me leva a pensar o carnaval de 2019. Porque ali tem a colocação da Mangueira [...] uma Mangueira que se posiciona. Está contra isso e a favor disso. Então 2019 dialoga com 2018. 2020 só é possível porque existiu 2019. A Mangueira de 2019 deste “país que não está no retrato” em 2020 ela é o Jesus, essa figura de Cristo que não está no retrato. Se em 2019 eu dizia que a história é mau contada, em 2020 eu digo que ela é mal ilustrada. Essas faces de Jesus. Essa proposta de apresentar uma diversidade estética para esta figura para a qual um padrão já foi inventado (PAPO MANGUEIRA – ENTREVISTA COM O CARNAVALESCO LEANDRO VIEIRA, 2020).

Divergindo da imagem de Jesus que se popularizou, ele se propõe a reinventá-la. É uma obra biográfica com uma abordagem estética diferente. Por isso, há uma clara preocupação com a iconografia do personagem. O texto da justificativa do enredo, apresentado no Livro Abre-Alas (VIEIRA, 2020), evidencia isso de modo mais contundente. Vieira propõe uma leitura biográfica sob um novo olhar estético que, por si só, provoca a mensagem que ele quer levar. Subverte a imagem oficial. A proposta do autor foi lançar um olhar artístico diferenciado sobre uma estética cristã considerada clássica ou, melhor dizendo, canônica.

O desfile organizado pela escola com seus carros e fantasias pretende levar as imagens dos personagens para uma realidade próxima ao Morro: a família que o habita, pode ser referência do presépio. Quer falar de Jesus a partir de um lugar concreto. Na entrevista desvela uma intencionalidade por pensar que “enquanto artista me interessa falar para o agora”. Para ele “o artista é uma espécie de radar”. Se preocupa com coisas que devem ser ditas. “É preciso produzir arte para dizer alguma coisa. O desfile de uma escola de samba não pode ser uma festinha pra poucos que termina na quarta-feira”. Pois “é papel da arte defender ideias”.

Ao apresentar a Escola traz a hipótese de fundo em toda sua pesquisa

*É, portanto, inverossímil que Jesus tenha o tom de pele e as semelhanças físicas resguardadas por sua imagem mais bem difundida no imaginário coletivo. Não há indícios bíblicos ou documentais que comprovem ou refutem a afirmação, mas já é sabido que, levantando-se em consideração a origem geográfica, é muito provável que a figura central do cristianismo tivesse um biotipo distinto daquele que se tornou convencional, a pele num tom mais escuro, assim como os cabelos e os olhos (VIEIRA, 2020, p. 118)*

O carnaval tem uma função social, pois em sua compreensão a festa não se encerra na Quarta-Feira de Cinzas, na medida em que há uma semente plantada nos indivíduos que compartilham a compreensão da mensagem, tanto ética quanto estética ao “apresentar, com uma comunidade periférica, pobre e negra, uma

face de Jesus próxima a eles é dizer muito”. Por isso, a proposta de repensar a maneira que o Cristo tem sido ilustrado “Eu trago uma imagem como força que pode trazer uma reflexão”. Dentro dos caminhos da festa popular há sempre brechas para se expressar “mesmo considerando que o carnaval tem esta pegada mais conservadora a gente consegue encontrar momentos da história recente do carnaval que esta pegada mais conservadora não consegue segurar o brilhantismo de alguns discursos”. Ele lembra “a força do discurso de kizomba é política”

Segundo Leandro Vieira (2020, p. 122)

*É mergulhado nesses questionamentos artísticos e sociais que o enredo apresentado se debruça. Reconhecendo a importância da diversidade étnica, física e comportamental dos modelos adotados como forma normativa, o enredo A VERDADE VOS FARÁ LIVRE debruça-se na mundialmente consagrada biografia de Jesus Cristo tendo como interesse conceitual apresentar uma variada possibilidade de “faces” contra-hegemônicas para a figura de Jesus.*

*Ainda segundo o carnavalesco, “causar desconforto é papel da arte”. Um dos jornalistas que o entrevistam lembra que todos possuem uma posição, uma compreensão sobre a figura de Jesus.*

*É interessante pensar que os conservadores atuais fazem uso da célebre figura que apresentamos com enredo colocando-o como uma espécie de colaborador de um posicionamento muitas vezes anticristão. A verdade é que a figura de Jesus foi domesticada para atender a interesses políticos e religiosos e é sobre isso que o enredo proposto se debruça para apresentar sua narrativa, ou, melhor, sua contra narrativa (VIEIRA, 2020, p. 118)*

Sendo assim, os conservadores “pintam” uma figura do Salvador que corrobora suas posições ideológicas. Porém, sendo sua imagem algo construído historicamente, o morador do morro da Mangueira possui legitimidade para apresentar a leitura feita a partir do “seu” lugar. Desta forma o “Jesus da Gente” se torna uma leitura coletiva, dialógica entre o carnavalesco e a comunidade.

Ele se entende como expressão do que tem acontecido no carnaval neste tempo. Se intitula como filho da crise. Ao falar dos modelos de fazer carnaval argumenta

*[...]eu não acredito neste modelo de carnaval em que o luxo gratuito determina o trabalho plástico do carnavalesco. Eu não acho que o carnaval seja isso [...] eu acredito no luxo da ideia e na busca de um carnaval exuberante [...] a gente quer buscar a exuberância da forma, a exuberância da arte (PAPO MANGUEIRA – ENTREVISTA COM O CARNAVALESCO LEANDRO VIEIRA, 2020).*

Desta forma, o carnaval da Mangueira de 2020 emerge como uma construção dialógica entre o carnavalesco e o GRES Estação Primeira de Mangueira. Nasce num



processo de continuidades e intersecções entre as trajetórias do artista e de sua agremiação. Pelo que é próprio da profissão que ocupa, Leandro Vieira se torna um catalisador de sensibilidades e perspectivas de seu tempo. Revela-se um construtor de novas sínteses e de uma subjetividade coletiva, que é o jeito de se apresentar da Mangueira nos últimos anos. Discurso e ideários se tornam imagens, melodias e poesias que constituem subjetividades de um coletivo que é conhecido pelo nome de “Mangueira”.

#### VERDADE E LIBERDADE: CRISTOLOGIA DO ENREDO

Ao seu jeito, a versão de uma figura como proposto pela Mangueira tem sido objeto de disputa de vários grupos. Seja entre estudiosos seja entre os seus seguidores a pluralidade e a divergência, mesmo não evidenciada – ou ocultada – marca a maior parte da história do cristianismo. Esta pluralidade já se encontra materializada nos livros do Novo Testamento cada um traz perspectivas de diferentes comunidade e grupos (VERMES, 2006; FERREIRA, 2012). Diversas apresentações do que Jesus falou, fez e até mesmo de sua imagem não são uma novidade trazida por uma escola de samba. Talvez pelo próprio perfil do carnaval tenha sido trazido ao grande público.

Em 2019, a Estação Primeira de Mangueira ganhou o prêmio do carnaval carioca com o samba que homenageava os heróis negros e indígenas esquecidos da história brasileira. Em 2020, a escola desafia mais uma vez a narrativa dominante a respeito do imaginário e identidade religiosa: Jesus nos dias de hoje, nascido no morro da Mangueira. Manu da Cuíca, compositora do samba-enredo em parceria com Luiz Carlos Máximo, comentou, em entrevista para o jornal Brasil de Fato, sobre sua percepção a respeito do homenageado no enredo: “Se fala tanto em Cristo, mas onde ele estaria hoje? Onde ele teria nascido? Ele teria nascido pobre. Ele poderia ter nascido na Mangueira. Se ele tivesse nascido no Morro da Mangueira, como é que seria sua história? O que o Estado faz em geral com os jovens moradores de favela?”<sup>8</sup>

Esta contra narrativa preocupa não só em apresentar questionamentos e perspectivas diversas sobre a figura histórica de Jesus de Nazaré, mas também em uma aproximação entre o Cristo e a comunidade da Mangueira. Desta forma, após apresentar elementos sobre o nascimento e a vida pública de Jesus, o texto Abre-Alas (VIEIRA, 2020, p. 119) propõe um novo retorno para a personagem principal.

*Sem anunciar o inferno, ele prometeu que voltaria. Acredito que, se ele voltasse à terra por uma encosta que toca o céu – para nascer da mesma forma: pobre e mais retinto, criado por pai e mãe humilde, para viver ao lado dos oprimidos e dar-lhes acolhimento – ele desceria pela parte mais íngreme de uma favela*

---

8 Manu da Cuida no Brasil de Fato: Entrevista – (7 min 22 seg a 7 min. 37 seg) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uFbFvJ09KGY>. Acesso em: 05 jun. 2021.

*qualquer dessa cidade. Talvez na Vila Miséria, região mais alta e habitada do Morro da Mangueira. Ali, uma estrela iluminaria a sala sem emboço onde ele nasceria menino outra vez. Então, ele cresceria entre os becos da Travessa Saião Lobato, correria junto das crianças da Candelária, espalharia suas palavras no Chalé e no “pindura Saia”. Impediria que atirassem pedras contra os que vivem nas quebradas e nos becos do Burraco Quente. Estaria do lado dos sem eira e nem beira estranhando ver sua imagem erguida para a foto postal tão distante, dando as costas para aqueles onde seu abraço é tão necessário.*

Após esta afirmação em três frases, o carnavalesco apresenta pontos centrais da construção narrativa. Para ele, Jesus “teria a morte incentivada pelas velhas ideias que ainda habitam os homens. O amor irrestrito ainda assusta. A diferença jamais foi entendida”. Nesta perspectiva, o texto apresenta a interseção entre Jesus, o Morro da Mangueira e a maneira como ambos são reconhecidos pela sociedade contemporânea.

Esta perspectiva da busca aproximação da pessoa de Jesus com os empobrecidos, a preocupação em dialogar para além das Igrejas e questionamento das imagens veiculadas de Jesus tem sido algo presente na cristologia, especialmente na América Latina. O primeiro livro da Teologia da Libertação em língua portuguesa é sobre Cristologia *Jesus Cristo Libertador* de Leonardo Boff publicado em 1972. Juan Luis Segundo (1997) neste esforço publicou *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. O auto busca “recuperar” a pessoa de Jesus de Nazaré o apresentando para os interessados em o conhecer e seguir. Com o mesmo intuito recentemente José Antonio Pagola publicou as obras *Jesus aproximação histórica* (PAGOLA, 2014) e posteriormente *Recuperar o projeto de Jesus* (PAGOLA, 2015).

No entanto, a figura de Jesus apresentada no samba enredo da Mangueira parece estar mais em consonância com a cristologia presente na obra *O Deus dos oprimidos* de James H. Cone (1985). Nesta obra um dos capítulos apresenta uma pergunta que Leandro Viera parece responder “Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?”. O samba-enredo, em consonância ao texto mestre, conta a história de um Jesus que nasceu na favela e é gente sofrida, de classe trabalhadora. Oprimido, traz mensagem de amor a todos e se pergunta ao final se as pessoas entenderam seu recado.

*Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira  
Me encontro no amor que não encontra fronteira  
Procura por mim nas fileiras contra a opressão  
E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão  
[...]  
Mas será que todo povo entendeu o meu recado?  
Porque de novo cravejaram meu corpo*

*Os profetas da intolerância  
Sem saber que a esperança  
Brilha mais na escuridão*

Os textos bíblicos, assim como tantos filósofos de tradição cristã ou não-cristã, associam o conhecimento da verdade à liberdade. O título do samba-enredo é referência à passagem bíblica de João 8, 31-32: “*Se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serão meus discípulos; conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês*”. A própria escolha do título do enredo denota a intensão da contra narrativa ao escolher um texto bíblico que sinaliza a leitura literal própria da narrativa fundamentalista neopentecostal (OLIVEIRA, 2017; NOGUEIRA, 2002) e *slogan* do governo Bolsonaro (CURSINO, 2019).

Neste contexto de disputas de narrativas, a Mangueira apresenta uma leitura sobre outras imagens possíveis de Jesus. Após apresentar a justificativa do enredo, o texto Abre-Alas expõe uma relação entre a Teologia Católica e mensagem do enredo da Mangueira feita pelo teólogo e filósofo Leonardo Boff em entrevista ao jornalista Romo Tesi (2020) sobre o a perspectiva do enredo.

*Uma vez que o Filho de Deus se fez homem e se encarnou, nunca mais abandonou a humanidade [...] Sua paixão dolorosa continua até o fim dos tempos. Enquanto houver irmãos e irmãs dele sendo oprimidos e novamente crucificados, lá está ele sofrendo e sendo crucificado com eles. Isso é a doutrina tradicional da Igreja. Não há erro nenhum naquilo que a Mangueira afirma.*

Por isso, é possível dizer que Deus se fez homem entre os pobres e seguiu como marginalizado numa região dominada por egoísmo e violência. A Mangueira apresenta duras verdades sob sua ótica em 2020. O Cristo histórico, negado por parte da tradição religiosa que assume uma fé de costumes e não uma fé de coração<sup>9</sup>. Deus se fez homem entre os pobres e seguiu como marginalizado numa região dominada por egoísmo e violência. Afinal, o contexto de Israel era de ocupação militar, com o qual podemos traçar um paralelo em relação à realidade do Rio de Janeiro contemporâneo.

Sua vida foi testemunho de compromisso com o povo oprimido, que aceitou Jesus como o Cristo. Enquanto a violência do exército romano, em conjunto com o controle de parte de escribas e fariseus, oprimia o povo, este mantinha sua liberdade e seu bom senso, acreditando no verdadeiro messias “sem arma na mão”, que apresentava mensagem de amor. Sua mensagem se espalhou, foi perseguida e marginalizada, porém triunfou. No entanto, depois de tantos anos, incorporada aos nossos costumes e ganhando uma narrativa hegemônica por parte de grupos de poder, a mensagem original se perdeu, tornando-se moralismo vazio ou até opressor em certas realidades.

---

9 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/05/leonardo-boff-defende-o-samba-enredo-da-mangueira-de-2020-unico-jesus-verdadeiro>

Desta forma é possível perceber a história do samba enquanto uma história evangélica, pois ela reflete uma trajetória paralela ao cristianismo: nasce na periferia do mundo e conquista seu lugar afirmando sua identidade perseguida. A Mangueira, como Escola de Samba, se expressa de tal forma que pode ensinar mais que muitas salas de aula. Tornando-se uma Escola de Vida e de Liberdade. O samba enredo e a visão do carnavalesco expressam vozes, trajetória e conflitos presentes na história dos cristianismos onde a figura de Jesus sempre esteve em disputa (BOFF, 2003; FERREIRA, 2011). Evidenciam ao mesmo tempo a identificação de oprimidos e busca de legitimação de opressores na mesma figura: Jesus Cristo. A verdade e a liberdade apresentadas por ele – e nele – aparecem com pauta de discursos diversos e por vezes contraditórios.

### MAS, AFINAL, O QUE É EVANGELHO?

Ao utilizarmos a expressão “Evangelho segundo a Mangueira”, convém retomar tanto a conotação que este termo tem dentro da Literatura Sagrada Cristã, como o lugar que o termo ocupou no imaginário da Teologia da Libertação.

Dentre os Livros que compõem o que o cristianismo passou a chamar de Novo Testamento, o mais antigo é o Evangelho de Marcos. Ferreira (2011) aponta que a própria interpretação que os Evangelhos fazem da pessoa e da proposta de Jesus de Nazaré, bem como os cenários que deram origem aos textos que hoje estão presentes na Bíblia, são marcados por conflitos. Na origem do cristianismo não se encontra uma visão unitária da pessoa e do projeto de Jesus, mas uma realidade plural e diversa onde, concomitantemente, e por vezes em oposição, nascem e se desenvolvem experiências de discipulado de Jesus em diálogo com contextos culturais, sociais e econômicos diversos (FERREIRA, 2012).

Encontramos a expressão evangelho repetidas várias vezes no novo testamento<sup>10</sup>. Mais do que uma citação em Marcos, encontramos um gênero literário Evangelho. Na pluralidade de suas configurações e na relação com os outros livros, os textos não têm o mesmo caráter (ARENS, 2014, p. 93). O gênero literário Evangelho “combina história com pregação, catequese e apologética” (ARENS, 2014, p. 108). Segundo Mainville (1999, p. 95) “os grandes gêneros literários do Novo Testamento são: o evangelho, os atos, as cartas e o apocalipse”. O próprio processo de olhar as narrativas escritas nos evangelhos ajuda a entender também a análise do samba enredo da Mangueira já que “por trás dos autores está toda uma tradição comunitária que os influencia e da qual, em muitos casos, são os porta-vozes mais diretos e expressivos” (WEGNER, 1998, p. 123). Assim também nos sambas-enredos temos toda uma tradição na qual eles nascem e com a qual dialogam.

---

10 Mt 4,23; 11,5; 24,14; 26,13; Mc 1,1; 1,14; 8, 25; 10, 29; 14,9; 16,15; Lc 7,22; 8,1; At 13,32; 20,24; Rm 1,1; 1,16; 2,16; 15,19; 1cor 1,17; 9,12.14.18; 15,1; 2cor 2,12;4,3;11,4; Gl 1,6.11; 2,7; Ef 1, 13; 6,15.19; Fil 1,7.12.16.27; Cl 1,23; 1Ts 1,5; 2,4; 2Ts 1,8; 2,14; 1tm 1,11; 2Tm 2,10; 1Pd 4,6; Ap 14, 6.

No Novo Testamento Interlinear Grego-Português, encontra-se a seguinte leitura literal do grego do primeiro versículo do Evangelho de Marcos: “princípio do evangelho de Jesus Cristo [Filho de Deus]” (SBB, 2004, p. 129). Segundo Stegemann (2012, p. 37):

Suspeita-se que o surgimento do conceito “evangelho” como designação para aquele gênero de escritos que identificamos especialmente com os quatro evangelhos canônicos remonte a essa primeira frase do Evangelho de Marcos [...] A palavra “evangelho” (*evangelion*) expressa exatamente como deve ser entendida a história que vem a seguir: como mensagem alegre. O livro que denominamos de Evangelho de Marcos narra, portanto, sobre o evangelho, sobre a mensagem alegre, razão pela qual também pode ele próprio, em sentido derivado, ser designado como mensagem alegre ou ter sido recebido dessa maneira.

Os seguidores e seguidoras de Jesus acolheram sua pessoa e sua mensagem como *Evangelho*, mensagem alegre, uma boa notícia. Para estes, em Jesus de Nazaré Deus testemunha uma boa notícia, não só para os que aderiam à sua mensagem, mas para toda a humanidade. Nele aprendiam sobre Deus, sobre eles mesmos, sobre a sociedade, as relações interpessoais e a história. Nele reconheciam um jeito de Deus se aproximar que consideram único. A partir desta boa notícia repensavam estilos de vida e convivência. Os que aderiram a esta mensagem foram configurando vivências e coletividades que deram origem às comunidades cristãs, que chegaram ao século XXI nascidas de leituras e releituras do que Jesus viveu e propôs, de interpretações convergentes e conflitantes de quem foi este que se acostumou a chamar de Cristo, sobre ele mesmo e sobre as relações interpessoais.

Desde seus primórdios na segunda metade do século passado, a Teologia da Libertação foi configurando esta Boa Notícia nos contextos de opressão e de luta pela libertação no continente Latino-Americano. A obra que marca o nascimento da Teologia da Libertação enquanto saber acadêmico em língua portuguesa é *Jesus Cristo Libertador*, de Leonardo Boff (2003). Seguimento de Jesus, Jesus histórico; Reino de Deus são categorias importantes para pensar a expressão Evangelho e seus contornos no continente. O Evangelho é uma experiência, mais que um texto, que se reconhece e vivencia dentro do seguimento, do discipulado de Jesus.

Uma das expressões da Boa Notícia para a Teologia da Libertação se manifestaria nas libertações sócio-históricas. Elas se configuram para os empobrecidos e excluídos um evangelho (BOFF L.; BOFF C., 1979).

A obra *Jesus Cristo Libertador* nos apresenta um caminho de interpretação que o samba da Mangueira também faz da pessoa de Jesus. Para Boff, um dos intuitos específicos da Teologia da Libertação é refletir sobre o centro da fé na periferia do mundo (2003, p. 15-37). A Estação Primeira de Mangueira também pensa esta figura tão marcante na história do ocidente que é Jesus a partir das

vivências de moradores do Morro da Mangueira, uma comunidade da periferia do Rio.

Sambas-enredos com expressões religiosas e o “estilo” religioso de alguns sambas não são novidades, contudo o samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira de 2020 chamou a atenção de muitas pessoas e tem impulsionado debates no senso comum.

Talvez por isso seja conveniente trazer para a academia parte desta polêmica e investigar o lugar do samba-enredo dentro do imaginário religioso carioca, mas especificamente a partir da possibilidade de considerar um samba-enredo como literatura sagrada e por isso reconhecer a cristologia por trás da narrativa.

#### “JESUS DA GENTE”: UMA CRISTOLOGIA A PARTIR DA FAVELA

Leonardo Boff (2003), Jon Sobrino (1994) e Segundo Galilea (1978) apresentaram referências para pensar a cristologia dentro da Teologia da Libertação, no contexto em que os empobrecidos se encontram: o lugar social da cristologia, pensar a cristologia a partir dos povos crucificados, o enfoque no seguimento de Jesus.

Mesmo fora da Teologia da Libertação, já a Teologia Negra estadunidense com James Cone (1985, p.19) reflete que “quando o escravo e o senhor falavam sobre Deus, possivelmente eles não podiam estar se referindo à mesma realidade”. Dentro do enredo da Mangueira de 2020, Jesus se apresenta como alguém da Comunidade. A Mangueira se torna Nazaré, “lugar onde se havia criado”. Por isso pode se apresentar como: “Eu sou da Estação Primeira de Nazaré”. Assume os traços da sociedade brasileira: “Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher”. Traz os traços que são fatores de exclusão: rosto, sangue e corpo.

Jesus se apresenta como um morador do Morro da Mangueira. O “Buraco quente” é uma das localidades que compõe a favela. O termo “pelintra” é uma gíria antiga carioca que fala de quem é malvestido, mas com a pretensão de ostentar. Ele é um “moleque”, é jovem. O samba é proclamado em primeira pessoa. No samba, Jesus fala com a comunidade, conta quem ele é, de onde vem, o que sonha.

Com a intensão de uma narrativa em primeira pessoa o samba afirma: “Meu nome é Jesus da Gente”. Dando impressão que é o Jesus quem se fala. O que dá ao samba um tom de diálogo. “Nasci de peito aberto, de punho cerrado”. Sua filiação é a população brasileira em sua condição de simplicidade: “Meu pai carpinteiro, desempregado”. Ou num nome comum: “Minha mãe é Maria das Dores Brasil” apresenta uma duplicidade.

Assim, o samba ecoa os questionamentos do carnavalesco de que as representações que foram popularizadas não refletem a maior parte da sociedade, especialmente dos marginalizados. O Jesus favelado se contrapõe ao Jesus eurocêntrico. O Jesus favelado vem lembrar que a iconografia sempre refletiu escolhas, disputas e conflitos. A maneira de retratar manifesta intencionalidades. Conforme argumentava Bourdieu (2013), a religião tem a função de tornar inquestionável o arbitrário. Logo, os séculos de apresentação de um Jesus

branco foi tornando “normal” esta perspectiva eurocêntrica e colonizadora, tirando dela a possibilidade de escolha, de imaginações individuais. Segundo o próprio Leandro Vieira

*“O Jesus da Mangueira é um Jesus humano. O Jesus da Mangueira é o Jesus da Galileia, de Nazaré, é um Jesus homem periférico. É o Jesus homem de um lugar onde a sociedade da época não conseguia enxergar nenhuma dignidade. Era uma periferia, um lugarzinho qualquer... era um Morro, tipo assim: o Morro da Mangueira” (PAPO MANGUEIRA ENTREVISTA O CARNAVALESCO LEANDRO VIEIRA, 2020)*

Em sua interpretação do Evangelho aponta que

*“O Jesus da Mangueira é homem que andou com figuras oprimidas. O homem que andou com prostitutas. O homem que andou com os doentes. O Jesus da Mangueira é o homem, não é o Divino que foi... elevado por Constantino a partir da base do cristianismo... Não é o Jesus que foi pro Vaticano... que foi coberto de ouro, que ganhou prataria... O Jesus da Mangueira, ele é pé no chão, de pé de barro, então é o Jesus humano” (ibidem).*

Em seu jeito de ser carnavalesco, entra o processo como uma construção coletiva. Por isso é a Escola que se apropria do discurso. Não só propõe uma imagem de Jesus a partir dos favelados, mas os tem como referência e ponto de diálogo. “Eu proponho olhando pra Mangueira, eu proponho olhando as necessidades daquele território [...] é importante dizer para aquelas pessoas isso que eu tô [sic] dizendo” (ibidem). Desta forma, continua:

*quando eu digo que o Jesus que eu vou apresentar é o Jesus da gente, e que gente é essa gente que sofre preconceito, é essa gente que o estado quando chega, chega com violência. [...] Minha construção para a Mangueira, são construções focadas no morro da Mangueira, por isso que ela é aceita de uma forma muito orgânica.*

E conclui seu pensamento ao dizer

*De alguma forma o meu papel como carnavalesco é ampliar a fala daquela gente [...] o canto da escola é uma criação feita em conjunto. Eles se apropriam e criam junto. O gesto de bater no peito. O gesto de levantar a mão pro céu. É criação coletiva. Eles fizeram isso.*

A Estação Primeira de Mangueira de forma artística apresenta uma teologia que Em consonância com a Teologia Negra estadunidense testemunha que Jesus é Negro (CONE, 1985, p. 146- 151). Segundo Cone (1985, p. 150) “dizer que

Cristo é negro significa que o povo negro é o povo pobre de Deus a quem Cristo veio libertar”. Apresentar Jesus como “Jesus da gente” desta forma seria muito mais uma contribuição aos processos eclesiais do que um confronto em relação as Igrejas.

*Portanto, a “negritude de Cristo” não é simplesmente uma declaração a respeito da cor da pele, mas ao contrário, uma afirmação transcendente de que Deus nunca abandona, nem nunca abandonou os oprimidos na luta” (CONE, 1985, p. 151).*

A figura de Jesus ocupa várias instâncias de poder, porém é válido dizer que Ele foi sequestrado por tais instâncias. Foi uma narrativa sequestrada, reinterpretada e monopolizada. A figura passa a legitimar a guerra, a colonização e aculturação dos povos não-europeus (ARMSTRONG, 2001) e, por fim, no Brasil atual, discursos de ódio (VIEIRA, 2019). Usam Jesus para legitimar o “homem de bem”. Jesus é fiador para uma política bélica armamentista, opressora.

*O fundamentalismo religioso cristão trabalha com o conceito de verdade absoluta, inquestionável, eterna, imutável e para além da história. Essa verdade a respeito de Deus se expressa na Bíblia Sagrada. A partir da formulação “está escrito”, constrói-se uma visão de mundo, um modelo comportamental e uma forma de lidar com a sociedade. [...] Em tal modelo desconsidera-se totalmente que toda leitura é uma interpretação e que toda interpretação está mediada por um contexto histórico e cultural (VIEIRA, 2019, p. 100-101).*

Então se existe quem faça tal tipo de interpretação fundamentalista e opressora de Jesus, é possível que exista, a partir de outro contexto histórico e cultural, outra interpretação, tanto artística, quanto teológica.

**“ONDE ENCONTRAR O MESTRE?”: A PERGUNTA QUE MARCA O DISCIPULADO É RESPONDIDA NO SAMBA**

O *Jesus da gente* se mostra próximo do sofrimento e sonhos. Ele fala de uma atitude fundamental. O samba mostra um lugar fundamental de Jesus. Enxugar o suor, ou seja, se solidarizar com o esforço. Ele é Cristo no hoje (CONE, 1985, p. 133-136) da história dos favelados do Morro da Mangueira. As injustiças decorridas da ausência de políticas públicas que garantam que as populações presentes nas comunidades “tocam o coração de Jesus”. Este Jesus se apieda e participa de seus esforços.

O samba traz um elemento fundamental para a fé cristã. Um elemento que diversifica e caracteriza os diversos grupos de discípulos de Jesus. Onde encontrá-los? O amor sem fronteiras; a luta contra opressão e a paixão que move a vida de quem “é do samba”.



O *Jesus da gente* apresentado pelo samba da Mangueira, assim como o Jesus que os textos canônicos apresentam, centra sua mensagem e seu lugar de encontro na perspectiva relacional. Não na relação do transcendente em si, mas numa relação que se dá com os outros, de forma dialógica. Nos evangelhos sinóticos a expressão presente é amor ao próximo como a si mesmo. No Evangelho de João os discípulos são convidados a permanecer no amor. A participar da experiência amorosa que tem sua fonte em Deus: ‘amar assim como eu vou amei’ (Cf. Jo 15, 9). Desta forma o amor é colocado como a questão central. Não a doutrina, não a moral, mas o amor assim como é apresentado em Jesus de Nazaré. Amor que transborda em prática, escolhas e posturas, mas amor. “Me encontro no amor que não encontra fronteira”, mas como se dá esse amor hoje?

A continuidade do samba dá a resposta. “Procura por mim nas fileiras contra a opressão”. Este é o caminho da Teologia da Libertação. Vivenciar o amor, o discipulado, o seguimento de Jesus nos compromissos concretos. “Ao lado dos Pobres”. Assim podemos dizer que o samba enredo da Mangueira ensaia uma cristologia da libertação favelada ao apresentar um Jesus com traços a serem seguidos, que é Deus conosco no hoje de história, que experiencia da cruz como solidariedade com os crucificados e intolerância dos poderosos, que ressuscitado é sinal de esperança para os seus seguidores.

Contudo há outra paixão que é lugar de encontrar Jesus para o enredo de 2020. “No olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão”. Na paixão pela Escola. A bandeira, o pavilhão de uma Escola de Samba é o elemento mais sagrado dentro de um desfile ou apresentação. Todos a reverenciam. A Porta Bandeira e o Mestre Sala apresentam e defendem o pavilhão da escola. A porta bandeira tem a honra, a alegria de carregar o que para a escola há de mais digno e dignificante. Naquele momento do desfile ela é toda a comunidade. O olhar do porta bandeira para o pavilhão representa o povo simples carregando o que há de mais sagrado. É o amor pela escola, o amor pelo samba, é encantamento, pertencimento. Segundo o próprio Leandro Vieira:

*Olhar para o desfile da escola de samba como algo menor. Um olhar preconceituoso. Dificuldade de admitir que a figura de Jesus está mais associada aos pequeninos, aos oprimidos. Reafirma, pegar a história de Jesus e diz que é isso sim (PAPO MANGUEIRA – ENTREVISTA COM O CARNAVALESCO LEANDRO VIEIRA., 2020).*

Ao mesmo tempo a narrativa apresenta uma contradição. Jesus se deixa encontrar em alguns lugares. A sociedade apresenta Jesus em alguns lugares. O pendura. No Corcovado, o ostenta em camisas estampadas. No entanto será que o seu recado foi entendido?

Os textos canônicos são o resultado de processos de experiências, redações, celebrações, disputas e confirmações. Neles e a partir deles convivem e se confrontam interpretações, compreensões, apreensões do que teria sido e do que seria o “recado”. Neste questionamento temos a sinalização dos conflitos de interpretação que marcam a trajetória dos cristianismos.

## A RELIGIÃO, O SAMBA E A CRÍTICA POLÍTICA

O samba-enredo da Mangueira como o de outras Escolas de Samba em 2020 trazem insinuações sobre o cenário político brasileiro<sup>11</sup>. Expectativas de qual seria o jeito de Deus intervir na história marca o cristianismo em todos os tempos. Em épocas de instabilidade política é comum surgirem “teologias da eleição” (ARMSTRONG, 2001), que transferem ao campo religioso disputas políticas na forma de narrativas de quem é o verdadeiro povo eleito. De uma forma ou de outra, há um questionamento sobre a esperança que o povo tem. Aqui se apresentam também a dimensão do que é crível: só há futuro possível, se há crença num futuro de partilha, pois a partilha é o caminho que verdadeiramente resolve o conflito.

Por isso, não há esperança messiânica sem que passe por um messias desarmado. Esta diferença de percepção atravessa o judaísmo e o cristianismo. Jesus foi um messias assim. Por outro lado, aqui é possível entrever um questionamento ao momento político do Brasil “não tem futuro sem partilha”, o diálogo, a consideração aos pobres é vital. E por isso mesmo quem traz arma na mão não é Messias, não é caminho e nem anuncia caminho, não é mito, não é sagrado o que não encaminha para o diálogo e para a vida. “Eu faço fé na minha gente, que é semente do seu chão”. O caminho da favela é a favela. A mudança vem da comunidade.

### “MANGUEIRA SAMBA TEU SAMBA É UMA REZA”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos traçar relações possíveis de uma cristologia latente e manifesta no samba-enredo da escola Estação Primeira de Mangueira, intitulado “A verdade vos fará livre”. A história do Cristo retratada no desfile – letra, carros e fantasias – faz referência a um Jesus de Nazaré inserido num contexto sócio-histórico, o que pode ser comprovado nas obras de referência que o autor utilizou. Ela se assemelha a história dos moradores dos morros cariocas, como argumenta o autor no texto no Abre Alas:

---

11 Portela “nossa aldeia é sem partido ou facção não tem bispo, nem se curva a capitão”; São Clemente “ Brasil, compartilhou, viralizou, nem viu, e o país inteiro assim sambou caiu na fake news”; União da Ilha “O chumbo troca, o lenço na mão nessa terra de Deus dará eu sei que o seu discurso oportunista é a ganancia, hipocrisia”; Mocidade “Brasil enfrente o mal que te consome, que os filhos do planeta fome não percam a esperança em seu cantar...”; Beija-flor “Eu me encontro em tuas asas beija-flor. Por mais que existam barreiras eu vim pra vencer no teu ninho é bom lembrar que não estou sozinho”; Unidos da Tijuca “a minha felicidade morar nesse lugar eu sou favela. O samba no compasso é mutirão de amor. Dignidade não é luxo nem favor”; Grande Rio “Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé eu respondo seu amém você respeita o meu axé”

*[...] a experiência de vida de Cristo está muito mais associada com as angústias dos oprimidos do que com a imagem embranquecida, eurocêntrica, machista e patriarcal que foi pintada em um retrato secular (VIEIRA, 2020, p. 118).*

Além disso, a própria história do samba se assemelha a história do cristianismo: de cultura marginal à símbolo de um povo. O samba que surge na periferia social do Rio de Janeiro, vai se consolidando como manifestação da riqueza de espírito e culturas que se reuniam para celebrar tanto o “axé” quanto o “amém”. Assim, o samba-enredo resgata a ética cristã da defesa dos pobres e marginalizados a partir de referenciais da Teologia da Libertação e a coloca ao lado estética própria do carnaval.

No atual momento de tensões políticas, a religião também se tornou campo de disputa ao estruturar uma legitimidade divina ao governante e aos que o aceitam como liderança. Religiosidade que está baseada num fundamentalismo que, como destaca o Pastor Henrique Vieira (2018), se torna cúmplice das violências praticadas contra os que divergem. O samba-enredo da Mangueira aparece como contra-narrativa, um “outro possível” e se torna a mais pura representação evangélica (como “boa nova”, “boa notícia”) no atual contexto sócio-histórico.

Essa cristologia assume uma iconografia difusa. Embora não seja o objeto deste texto, cumpre ressaltar que o cortejo do desfile da Mangueira revelou várias textualidades. Esteve presente a representação do “Jesus da Gente” favelado proposto no texto de Leandro e no samba. Entretanto, representações hegemônicas também foram apresentadas, sobretudo em alguns carros e fantasias com imagens sacras e barrocas, típicas do catolicismo tradicional brasileiro.

Há uma clara negociação de poder na discursividade da proposta. Atravessamentos de uma obra que não é de uma mão só. O discurso do cortejo da Escola de Samba é plural, diverso e multilinguístico. A cristologia do Jesus favelado provocou a sociedade em ícones expressivos, como a de um jovem negro, de cabelos platinados, crucificado sob uma placa de grande letreiro: negro. Também foi marcante em uma ala que representava Maria Madalena enrolada em bandeira do movimento LGBTQI+. Esteve em uma Comissão de Frente que revelava um Jesus contemporâneo sendo revistado pela polícia.

O Evangelho Segundo a Estação Primeira de Mangueira é este: de que Jesus é da gente, do povo. Suas escolhas narrativas, visuais e políticas trazem afirmações e implicações que fomentam debates e investigações no campo das Ciências da Religião. A cristologia apresentada no samba enredo se coloca num cenário de disputas que posiciona a força argumentativa do samba do lado dos empobrecidos e seus enfrentamentos rumo a libertação. Também o conhecimento científico, a pesquisa acadêmica e as ciências da Religião com todo o seu instrumental teórico é convidada a fazer escolhas que evidenciem vozes e imagens das periferias e contribua com seus processos de libertação.

## THE GOSPEL ACCORDING TO ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA: THE ICONOGRAPHIC CLAIM OF JESUS IN A BRAZILIAN CARNIVAL CHRISTOLOGY

**Abstract:** *The essay seeks to bring aspects of the samba-song of Mangueira in the Carnival of 2020, “Truth will make you free”, closer to a Christology, thus elevating the work to a kind of Gospel of contemporary Brazil. It seeks to bring the history of samba closer to the history of Christianity, proposing a carnival christology. It begins by presenting samba as a black heritage and the place of Samba Schools in the construction of identities. It contextualizes the GRES Estação Primeira de Mangueira and the carnival artist Leandro Vieira. Enunciates features and implications of the Christology present in the plot, highlighting the political contestation and identification with the people of Morro da Mangueira. Finally, it presents considerations for the field of sciences of religion.*

**Keywords:** *Samba. Jesus. Image. Mangueira.*

### REFERÊNCIAS

- AMARAL, Euclides. *O Samba. Alguns aspectos da MPB*. Rio de Janeiro: Esteio Editora, pp. 43-92, 2010.
- ARENS, Eduardo. *La bíblia sin mitos: una introducción crítica*. 3ª edição. Lima: Paulinas/CEP, 2014.
- ARMSTRONG, Karen. Um único Deus. *In: ARMSTRONG, Karen. Uma história de Deus*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2001. p. 51-88.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da libertação: o teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estruturação do Campo Religioso. *In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, p. 27-78, 2013.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa virtual. *Texto escolhidos de cultura e arte popular*, Rio de Janeiro, v 3, v. 1. P. 17-27, 2006.
- CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CURSINO, Luzmara. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”: livros na eleição presidencial de Bolsonaro. *Discurso & Sociedade*, Vol. 13(3), 2019, 468-494.
- FERREIRA, Joel Antônio. *Jesus na origem do cristianismo: os vários grupos que iniciaram o cristianismo*. Goiânia: PUC GOIÁS, 2012.

- FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. 2ª edição. Goiânia: PUC GOIÁS, 2011.
- GALILEA, Segundo. *Seguir a Cristo*. São Paulo: paulinas, 1978.
- JOST, Miguel. A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 62, dez. 2015 (p. 112-125).
- MAINVILLE, Odette. *A bíblia à luz da história*. Guia de exegese histórico-crítica. São Paulo: Paulinas, 1999.
- MATOS, Marcelo Pereira. *O Rio de Janeiro das Escolas de Samba: Lugar, Identidade e Imagens*. Universidade Estadual Paulista (UNESP) – PPG em Geografia. Dissertação de Mestrado. 2005.
- NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, nº 39, p.167-189. 2000.
- NETO, Lira. As tias (e o avô) do samba. In: *Uma história do samba: as origens*. São Paulo: Companhia das Letras, Cap. 1, pp. 22-35, 2017.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Leitura Bíblica Fundamentalista no Brasil. *Revista Caminhando*, v. 7, nº 2, 2002, p. 31-49
- OLIVEIRA, Laís Vianna de. “*O Axé ada Portela Voltou!*”: Atualização de Memórias e Tradições no GRES Portela (2013-2015). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – PPG em Memória Social. Dissertação de Mestrado. 2015.
- OLIVEIRA, David Mesquiati. A Leitura Bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *REVER*, Ano 17, Nº 2, mai/ago 2017.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus – aproximação histórica*. 7ª ed. Petrópolis: vozes, 2014.
- PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: vozes, 2015.
- PAPO MANGUEIRA – ENTREVISTA COM O CARNAVALESCO LEANDRO VIEIRA. [S.l.; s.n.], 2020. 1 vídeo (60 min.). Publicado pelo canal *Estação Primeira de Mangueira*. Disponível em: <https://youtu.be/2pNi0D2ByBk>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 24 jul. 2018
- REZENDE, Rafael Otavio Dias. *O negro nas narrativas das escolas de samba cariocas: um estudo de Kizomba (1988), Orfeu (1998), Candace (2007) e Angola (2012)*. Universidade Federal de Juiz de Fora. PPG em Comunicação Social. Dissertação de mestrado.

- SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Novo Testamento Interlinear – Grego-Português*. SBB: Barueri, 2009.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1998
- STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.
- SIQUEIRA, Karla Fatima Barroso de. “Oranian *É Paulo da Portela*”: Memórias e Religiosidade no Samba-enredo da GRES Portela. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – PPG em Memória Social. Dissertação de Mestrado.
- SOBRINO, Jon. El Pueblo crucificado. In: GÓMEZ, Carlos; GIMBERNAT, José A. *La pasión por la libertad*. Homenaje a Ignacio Ellacuría. Estella: verbo Divino, 1994, p. 153-187.
- TESI, Romolo. Ultra-conservadores de hoje representam os que tramaram a condenação de Jesus, diz Leonardo Boff sobre ataques à Mangueira. *Portal de notícias UOL*, 24 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/01/page/2/>. Acesso em: 15 maio 2020.
- VERMES, Geza. *As faces de Jesus*. São Paulo: Record, 2006.
- VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: GALLEGOS, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 100-106.
- VIEIRA, Leandro. “A verdade vos fara livre”. In: Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (org.). *Livro Abre-Alas Carnaval do Rio de Janeiro 2020*. Rio de Janeiro: LIESA, 2020. p. 113-176. Disponível em: <https://liesa.globo.com/carnaval/livro-abre-alas.html> .
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.